



Apresentação

Iniciamos o ano de 2026 com o sequestro de um presidente latino-americano e de sua esposa, seguido pelo ataque de Israel e EUA ao Irã, na sequência do genocídio que vem sendo perpetrado ao povo palestino — acelerado nos últimos anos, mas que vem sendo praticado há décadas. Noutro flanco, para usar a terminologia militar, ampliam-se os feminicídios em todo o Brasil, com menção particular à ascensão absurda no Rio Grande do Sul, o que nos coloca a dúvida se não estaria este cenário vinculado/associado ao predomínio da perspectiva machista, negacionista e racista em nosso estado, encaminhando um projeto em disputa nas eleições de 2026 em nosso país.

Em 2018 gritamos com todas as nossas forças e vozes “ELE NÃO!”; mas, a manipulação midiática das empresas de comunicação, das elites e dos escravistas de outrora e do presente, com apoio dos “mercadores da fé”, foi mais eficiente na conquista de corações e mentes dos eleitores. Naquele ano, como agora, os EUA, Steve Bannon e seus *ThinkTanks* conservadores e reacionários já estão na ativa. O *Power point* da Globo foi só o início! Portanto, urge a necessidade de que todos e todas se rebelem imediatamente contra esses genocidas políticos que se traduzem no assédio, na perseguição e na morte de mulheres, de indígenas, de negros e negras, de gays e lésbicas, de pessoas trans; enfim, de todos e todas que não se encaixam no alegado “normal” *delles!* Um normal que está associado ao sistema de explorar, dominar e discriminar determinadas corpos na sustentação de sua continuidade, sustentabilidade e perpetuação. Mas, a ação geopolítica dos governos que se arvoram donos do mundo, como os Estados Unidos da América, em seu imperialismo, pregado através de palavras como “liberdade” e “democracia”, é *fake news*. É a América, leia-se os Estados Unidos, em primeiro lugar e ponto.

Mas, o que isso tem a ver com Educação Ambiental?

É a natureza, humana e não-humana, o meio ambiente natural e construído, a apropriação de riquezas minerais e de bens naturais dos povos dominados que motiva os *hegemons* em suas ações políticas e geopolíticas, e foram eles que, desde uns 250 anos atrás, nos levaram à grande aceleração dos anos 1950, e ao atual Antropoceno/Capitaloceno e suas catástrofes sociais, climáticas e ambientais. É a natureza, o meio ambiente, os não-humanos e suas relações com/pelos humanos que a Educação Ambiental tem como seu *metier* reflexivo, de suas pesquisas e de ações cidadãs.

As mentiras das elites e de seus governos de plantão, como é o caso de Trump, pode ser exemplificada na falsa justificativa para a invasão do Iraque décadas atrás: a afirmação de que aquele país possuía armas de destruição em massa, que depois mostrou-se mentirosa. Foram os lucros da indústria armamentista, das construtoras, a apropriação das riquezas minerais, do petróleo, dos recursos financeiros etc. do Iraque e de outros países invadidos que se mostraram ser as reais motivações.

Agora, tanto na Venezuela como no Irã, como no cerco criminoso ao povo cubano para além da retórica de Trump (replicado pela mídia empresarial brasileira servil ao Império), os Estados Unidos têm como objetivo a apropriação do petróleo, das riquezas naturais, das terras raras e tentar, já em desespero, evitar a ampliação dos BRICs diante da crise de sua hegemonia. Mas, Trump não está sozinho em tais motivações, pois as elites internas aos EUA, das quais muitas são internacionais, e também as elites mundiais rumam cada vez mais para o fascismo como meio de sua sobrevivência. Se, no entanto, é a disputa geopolítica global por parte do *hegemon* em crise e a apropriação de fontes e meios de manter seu domínio global, como ficou evidente na Estratégia de Segurança Nacional (dez. 2025) apresentada pelos norte-americanos no governo daquele país, tal estratégia precisa se materializar no cotidiano e nas relações entre as pessoas e destas com a natureza.

É nesse sentido, também, que a Educação Ambiental não pode permitir que suas reflexões críticas de cunho acadêmico sejam realizadas no abstrato e em desconsideração e desconexão ao mundo real e concreto em que vivemos. A retórica do domínio, da exploração e da discriminação *delles*, de Trump, da extrema direita, das elites econômicas e políticas,

religiosas, enfim, daqueles que buscam manter o dito “normal” existente e sua sustentabilidade egoísta e de empresários de si, se materializa nos feminicídios, nos genocídios, nas mortes dos diferentes, dos considerados inferiores, dos pobres, dos negros, etc., típico dos fascistas, dos nazistas e dos sionistas. Não é lá fora, no mundo das abstrações, das retóricas descontextualizadas que o mundo está acontecendo. É aqui, é entre e desde as nossas ações educativas, através de nossas ações ambientais transformadoras e críticas que podemos produzir alternativas.

As relações educativas entre as pessoas e destas com a natureza, os demais seres vivos, onde a solidariedade, a democracia, o respeito, a utopia da luta e do enfrentamento às injustiças, à discriminação, à exploração e o domínios de uns por outros, de umas por outros, assim como da natureza e dos demais seres vivos, exigem uma atitude radical de todos e todas que se dizem democratas, progressistas, freireanos, dos que lutam solidariamente por um mundo sem desigualdade, fome, miséria, sem injustiças sociais e ambientais.

Esta edição é a primeira de 2026, mas em breve não será a única, pois publicaremos outros números para dar conta dos artigos e reflexões que nos enviaram em 2025, sobre os quais a nova equipe está debruçada sem parar, inclusive nas férias, para colocá-las ao debate público.

Diante disso é que pedimos a compreensão e a paciência dos/das autores/as que nos enviaram artigos para análise, e que ainda estão em nosso banco de dados. Destacamos, também, o papel dos/das avaliadores/as que, por seu rigor e presteza, nos retornam rapidamente as avaliações, revisões e ajustes, para que assim possamos manter a qualidade desta revista. Estas pessoas nos ajudam com suas análises e sugestões, com anotações e indicações ao aperfeiçoamento quando aceitos, ou com indicação de seus limites e problemas quando rejeitados, visando ajudar na melhora da qualidade da reflexão dos autores de forma anônima. Por fim, quem está lendo esta revista e seus artigos, talvez não saiba, mas todos e todas que aqui estão — no trabalho interno de organização da revista — e que ajudam para a que a revista seja publicada, com todos os cuidados e rigor na análise, no acompanhamento dos fluxos, revisões etc., o fazem de graça. Vocês são imprescindíveis!

Nesse sentido, agradecemos, enquanto coordenação da equipe editorial, a todos e todas, destacando que sem vocês (Daiane, Raizza, Lissette, Thaís, Maria Rita, Letícia, Maria de Fátima, Daiana, Manu, Marlécio, Fernanda, Samuel, Altermir, Maciel) não teríamos gestado esta edição e todas as demais que virão. Muito obrigado por existirem e por estarem conosco na efetivação da utopia de uma revista qualificada de Educação Ambiental que busca ser cada vez melhor.

Neste número buscamos organizar os artigos em temáticas, esperando facilitar a identificação de interesses dos leitores/as; mas, também, em próximas edições, realizaremos ponderações críticas em diálogo com as temáticas e os/as autores/as, ou seja, convidaremos colegas com acúmulos nos temas das edições (e conteúdo dos artigos publicados) para fazer reflexões críticas nas próximas edições sobre os temas desta:

- Amazônia, cultura, linguagem e saberes plurais;
- Ensino, formação, práticas pedagógicas e adoção de tecnologia;
- Antropoceno/Capitaloceno, mudanças climáticas e conflitos socioambientais.

Nosso objetivo: o debate, o diálogo, a controvérsia acadêmica qualificada e solidária!

No GT16 da ANPEd deste ano, em João Pessoa, o professor Layrargues fez uma conferência muito interessante sobre a situação que nos encontramos atualmente no campo ambiental e, a partir disso, os desafios da educação ambiental. E tais reflexões podem e devem ser pontos de partida as reflexões críticas e dos diálogos em nosso campo do conhecimento, para o qual esperamos contribuir com nossas publicações da revista. Nossa revista é de uma Universidade pública, gratuita e de qualidade, assim como o Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, ao qual a revista está vinculada.

Nova equipe Editorial